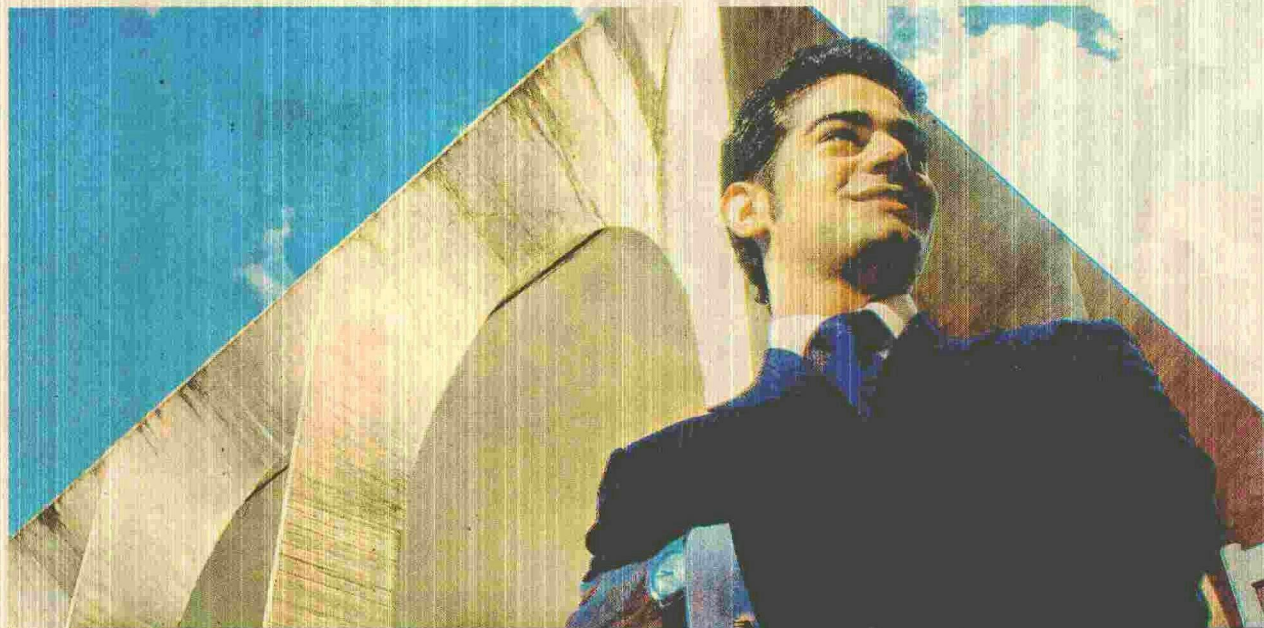


ONDE NASCEU
Hospital Unimed, na Asa Sul

ORIGEM FAMILIAR
Pai maranhense e mãe brasileira

LEMBRANÇA DA INFÂNCIA
“Pedalar no descampado, imaginando que a terra do formigueiro era areia movediça”

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA
Dos cenários verdes de Brasília: “Todo brasileiro é ligado ao verde de alguma forma”.



O DIPLOMATA ADAM JAYME POSA EM FRENTE AO ITAMARATY: ADMIRAÇÃO CONFESSA PELO PALÁCIO DOS ARCOS

DE TURISTA a freqüentador

Adam, que sempre acompanhava a avô Nana no roteiro turístico para parentes pela Esplanada, parava em frente ao Itamaraty. Hoje, trabalha lá

LÍGIA MARIA LOPES

DA EQUIPE DO CORREIO

Brasília é a capital da esperança e o cenário da história de amor dos avós do diplomata Adam Jayme Muniz, 23 anos. O avô goiano Eujácio Cristiano e a avó baiana Rosa Jayme migraram para a cidade quando tudo era um gigantesco canteiro de obras e foram morar, como quase todo mundo, no Núcleo Bandeirante — que, naquele tempo, janeiro de 1960, era chamada de Cidade Livre.

O casal núcleo da família Jayme conheceu-se na Asa Norte. Era começo do governo de Jânio Quadros e quase ninguém encarou a mudança da vila dos pioneiros para o Plano Piloto. Certo dia, a jovem baiana precisou de ajuda para abrir um barraco no novo bairro. Foi quando apareceu um goiano charmoso, que arrebatou o coração da proprietária da tapera. Apaixonaram-se de pronto. Casaram-se um ano depois, na

capela Dom Bosco, que em 1962 era um barracão de madeira.

Em janeiro de 1963, nascia a primeira filha. no Hospital Distrital — hoje Hospital de Base do Distrito Federal. A primogênita é mãe de Adam, que 20 anos depois nasceu num hospital particular da Asa Sul. Foi ouvindo essa história por incontáveis vezes que o jovem caiu de amores por Brasília.

Adam é brasileiro que não economiza nos elogios a cidade natal. Moço culto e vivaz, não faz o tipo intelectual, ainda que tenha sido aprovado, aos 22 anos, na primeira seleção que prestou, no ano passado, para o Instituto Rio Branco — em 2006, o IRB ofereceu 100 vagas das quais apenas sete foram preenchidas por brasileiros. A opção pela carreira diplomática, mais uma vez, teve influência da avó materna, a quem docemente chama de Nana.

O passeio pela Esplanada era o primeiro programa que os parentes de Nana faziam ao visitar Brasília. Caminhavam pelos ministérios, paravam de monumento em monumento para ouvir as histórias da nova cidade. De frente ao Ministério das Relações Exteriores, a avó dizia aos seus parentes que aquele era o Palácio dos Arcos. “Depois eu soube que minha avó usava o nome que Niemeyer tinha dado ao palácio, até para diferenciá-lo do prédio do Rio de Janeiro, o qual se chamava Itamaraty”, conta Adam. O encanto da avó contagiou o neto, que incontáveis vezes fez o mesmo programa com amigos, brasileiros e estrangeiros. Com eles, posou para fotografia em frente aos arcos. Para eles, repetiu a mesma história sobre os vários nomes do MRE. “Minha relação com o Itamaraty começou naqueles passeios com a Nana”, observa o jovem.

Criado com os avós até os 8 anos, Adam cresceu na casa que um dia foi barraco. Passou as tardes de sua infância jogando bola nos terrenos baldios da Asa Norte ou pedalando com a turma da quadra. Bairrista, estudou no Projecção da Asa Norte. Ia a pé para a escola. Anos depois mudou-se para o Lago Norte, onde conquistou seus melhores amigos de infância, com quem mantém contato até hoje. Nesse tempo, aprendeu amar a paisagem verde do bairro e a linda vista do Lago Paranoá.

Brasília é cidade de contrastes. É centro administrativo com clima de interior: a cidade em que Adam cresceu oferecia-lhe os passeios ao foguete e castelinho. Nas ruas do Lago Norte, ele brincou e se machucou com patins. É também é lugar de ar cosmopolita. Por vezes, a capital foi ponto de encontro com os amigos de outros cantos do Brasil e do mundo. Que, além de visitar a Esplanada dos Ministérios, viram o pôr-do-sol do Pontão do Lago. “É uma cena inigualável de uma cidade única em que a luz brinca com as cores”, derrete-se.